

PATRIMÔNIO EDIFICADO DE BRAGANÇA-PA E SUA VALORIZAÇÃO COMO INSPIRAÇÃO PARA MODA

Built heritage of Bragança and its valorization as inspiration for fashion

Guedes, Hayla; Pós-graduando; Faculdade Estácio do Pará,

hayla.guedes@gmail.com

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo contar um pouco da história de Bragança-Pará, ao relatar as contribuições para a formação do espaço urbano da cidade, evidenciar as características dos casarões como parte fundamental dos vários períodos históricos vividos pelo município, mostrar sua importância como patrimônio histórico e a relevância da preservação para a população, assim como seu potencial como inspiração para a moda.

PALAVRAS-CHAVE: Bragança. Arquitetura. Patrimônio.

ABSTRACT:

This paper aims to tell a little of the history of the city of Bragança-Pará, when reporting the contributions to the formation of the city's urban space, to highlight the characteristics of the buildings as a fundamental part of the various historical periods lived by the city, to show its importance as historical patrimony and the relevance of its preservation for its people, just as its potential as inspiration for fashion.

KEYWORDS: Bragança. Architecture. Patrimony.

Introdução

Bragança, também conhecida como “Pérola do Caeté”, é uma das cidades históricas da Amazônia, de grande e reconhecida tradição cultural. A cidade possui um representativo acervo arquitetônico que se constituiu ao longo do desenvolvimento urbano da cidade. No centro histórico, localizam-se as principais construções antigas, como palacetes, igrejas, coretos e praças que remontam aos séculos XVIII, XIX e XX, construídos na época de grande riqueza da economia da borracha e da estrada de ferro, que influenciaram social, cultural e politicamente a pequena cidade.

São casarões graciosos, de arquitetura simples, porém cativantes e que chamam atenção pelas cores alegres e elementos comuns que os tornam quase um conjunto. Todas estas construções são de influência europeia, visto que foram os franceses o

primeiro povo civilizado a chegar à beira do Rio Caeté, porém, foram os imigrantes espanhóis os principais idealizadores dos casarões históricos que embelezaram e enriqueceram ainda mais a cultura bragantina.

"Patrimônio" vem do latim *patrimoniū* (*patri*, pai + *monium*, recebido). O termo está, historicamente, ligado ao conceito de herança. Logo, entende-se que 'Patrimônio é o conjunto de bens materiais e/ou imateriais que contam a história de um povo e sua relação com o meio ambiente. É o legado que herdamos do passado e que transmitimos a gerações futuras' (TIANICE, 2012¹). O centro histórico de Bragança é um importante espaço reconhecido como patrimônio. Há leis municipais e estaduais que o protegem, além da atuação importante de pesquisadores e integrantes da sociedade civil local que não medem esforços para garantir que esses casarões não sejam derrubados.

A noção de patrimônio é essencial para a compreensão da identidade histórica de uma região, transcende as barreiras do tempo e do gosto, para que os seus bens não se desarmonizem ou desequilibrem, e para manter vivos os usos e costumes populares de uma determinada sociedade. O presente artigo pretende discutir a questão do patrimônio como fator indispensável para reconhecer uma nação, além de investigar sobre as iniciativas públicas e a importância de preservar tais monumentos e promover a conscientização do público, ao mostrar a grandiosidade dos bens que sua cidade possui e como ela pode ser inspiradora.

O trabalho se iniciou através de pesquisa bibliográfica, por meio de livros e dissertações acadêmicas sobre a temática (arquitetura de Bragança), a questão do patrimônio, a importância da valorização deste pela sociedade e sua responsabilidade de conservar o mesmo. Foi feita uma visita à cidade de Bragança, para registro fotográfico do objeto de pesquisa e investigação do histórico das construções, através de documentos oficiais da prefeitura, livros de autores locais, revistas e registros de imprensa, além de uma pesquisa sobre a cidade desde sua fundação e como os fatos históricos influenciaram em seu desenvolvimento urbano. Após análise histórica e estética, foi criada uma coleção de moda casual feminina que possui os elementos mais presentes e marcantes das construções, como as cores e algumas formas.

¹ Trecho de texto produzido por alunos do programa de mestrado em patrimônio cultural da UFSM.
(Ver referências)

A cidade de Bragança

Figura 01: Orla de Bragança, Rio Caeté



Fonte: <http://www.janeladohorizonte.com.br/2016/02/5-melhores-destinos-turisticos-do-para.html>

Localizada na Mesorregião do Nordeste do Pará, à cerca de 220 km da capital do estado, a cidade possui pouco mais de 120.000 habitantes (IBGE/2014) divididos entre 15 bairros. A cidade foi descoberta pelos franceses liderados por Daniel de La Touche, senhor de La Raverdière, em 8 de julho de 1613, e foram os primeiros europeus a chegar à região do Caeté, que era povoada pela poderosa nação Tupinambá.

Começou como um povoado chamado de “Souza do Caeté”, originalmente à margem direita do Rio Caeté, porém em 1753, foi transferida à margem esquerda². No mesmo ano foi transformada em freguesia, com o nome de “Nossa Senhora do Rosário”. Primeiro elevada à categoria de vila com o nome de “Vila de Bragança”, em 1760. Só foi elevada à categoria de cidade, através de resolução sancionada pelo então Presidente da Província, o Conselheiro Sebastião do Rego Barros, em 1854 (SIQUEIRA, 2008).

Bragança é um sobrenome de origem geográfica e transposição toponímica de Portugal. Originada do latim “*Brigantia*”, por intermédio de “Bregança”, nome lusitano de um povo céltico fundado por Brigo, significa Castelo, Fortaleza (SIQUEIRA, 2008, p. 35). É uma cidade de diversas riquezas culturais, pela forte influência da cultura negra e indígena, de expressões populares e religiosas, das quais podemos destacar: a festividade de São Benedito, o “Santo Negro”, homenageado no dia 26 de dezembro, juntamente com a festa da Marujada e a Cavallhada.

² Devido às dificuldades de comunicação com a capital. Hoje, a margem direita onde localizava-se a vila é conhecida como “Vila que Era”, advinda da expressão portuguesa “Cuéra” (SIQUEIRA, 2008)

O município teve papel fundamental para o progresso do estado, principalmente após a construção da primeira ferrovia da Amazônia, no final do século XIX, quando o acesso à capital era feito por via marítima-fluvial. Inaugurada em 1908, a estrada garantia o acesso de pessoas e cargas ao longo de seus 293 quilômetros entre Bragança e outros municípios, como Castanhal, Benevides, Jambuaçu, Livramento, Peixe-Boi, Capanema e Tracuateua, até seu ponto final no largo de São Brás, em Belém.

A lenda de Bragança

Em seu livro “Trilhos: O Caminho dos Sonhos”, Siqueira (2008, p. 31 e 32) criou uma lenda que explicasse este apelido carinhoso atribuído à pequena cidade, ele conta que em uma madrugada embalada por ventos fortes vindos do oceano, levantando enormes ondas que quebravam na areia cristalina de uma bela praia, Poseidon, atraído por tal beleza, deixou-se levar pelas ondas até as margens do fulgurante lugar e resolveu transformar o lençol de areia em seu improvisado leito. Então, viu o lençol tornar-se uma grande nuvem que levantava altura, permitindo observar do alto toda a beleza da região. Assim o autor continua:

(...) A nuvem seguiu o seu caminho, levada pelo vento, transportando o deus dos mares. Um risco brilhante dividia sinuosamente a floresta, encontrando-se com o oceano. Era um caudaloso rio do qual Poseidon pôde sentir toda a energia desprendida, como uma artéria conduzindo sangue para toda aquela região.

Então, em uma curva do rio, Poseidon avistou a terra que se debruçava sobre suas margens, repousando, como uma escrava ajoelhada aos pés de seu senhor. Poseidon, encantado, levantou-se e exclamou:

Que maravilha!... Que maravilha!... Enfiando os dedos na boca retirou uma pérola de incomparável beleza e, num gesto de extrema delicadeza, depositou-a à margem esquerda do rio, dizendo: ‘De hoje em diante não serás mais uma escrava, serás uma princesa, e todos te reconhecerão pelo nome de “Pérola do Caeté”. Ele, o rio, será o teu escravo que lavará os teus pés por toda tua existência. Seu nome, Caeté, significa “Mato Bom” e sua caça será o pisco que conservarei para que nunca te falte. Terás muitos filhos e, em suas veias, correrá um tipo de sangue tão especial que um dia um de teus filhos o chamar é de Bragantividade. Não permitas que matem o teu escravo poluindo suas águas, pois além de servo é o teu sustentáculo; se morrer, morrerás com ele’.

De repente, a pérola começa a se deslocar, multiplicando-se pela ribeira, transformando-se em um magnífico colar. Os raios que nele refletiam projetavam sobre o Caeté imagens holográficas de gigantes palmeiras imperiais, então:

Poseidon, completando a sua profecia, exclamou: ‘Bragança! Um dia receberás este nome, que significa Castelo, Fortaleza, e assim solidificarás o teu reinado com a minha benção. Como sinal de minha proteção, deixarei no alto da ribeira uma “Pérola Negra”, que fará nascer nos corações de teus filhos o espírito de irmandade, amor e fé’.

História e características da arquitetura

Em um passeio pelas ruas da cidade é possível conhecer um pouco de sua história, marcada pela colonização portuguesa e retratada nos prédios históricos do município, nos casarões revestidos com os famosos azulejos portugueses e aspectos claramente lusitanos.

Figura 02: Os 9 prédios escolhidos para inspiração, da esquerda para direita: Igreja de São Benedito, Mercado Municipal, Palácio Episcopal, Palacete Augusto Côrrea, Antiga Residência dos Prefeitos, Antiga Casa da Cultura, Instituto Santa Terezinha, Coreto Antônio Lemos, Igreja de N. Sr. Do Rosário.



(Fonte: Acervo da autora. Pesquisa de campo, 2016)

Igreja São Benedito

A construção data entre a primeira e segunda metade do século XVIII, de herança indígena e jesuítica. Pertence ao estilo colonial barroco (único ainda existente na cidade), contém uma torre lateral com a sacristia do mesmo lado, fachada branca e azul com elementos em alto relevo. É referência na cidade como patrimônio cultural, pois faz parte de um complexo (igreja, barracão e coreto), onde acontece a manifestação de devoção à São Benedito e a festividade da Marujada. A igreja foi tombada como Patrimônio Histórico Municipal pelo decreto 228/06 de 04 de outubro de 2006 e pelo Patrimônio

Histórico Estadual pelo ato de 11 de setembro de 2006 (Diário Oficial do Estado do Pará, nº 30.762, de 11.09.2006).

Mercado municipal

A construção do antigo Mercado de Carne data do século XX, inaugurado em 1911. Em estilo neoclássico, fachada em azul e branco, possui 14 bases internas revestidas em azulejos brancos, onde são vendidos os produtos. É um ponto comercial de gêneros alimentícios, porém atualmente encontra-se fechado para reformas da estrutura e requalificação do espaço. Tombado ao Patrimônio Histórico Municipal pelo decreto 228/06 de 04 de outubro de 2006 (Art. 1º, Item V).

Palácio episcopal da catedral Nossa Senhora do Rosário

Localizado em frente à Praça da Bandeira, o Palácio Episcopal foi construído pelos padres italianos barnabitas, serviu de moradia ao prelado D. Miguel Maria Giambelli, o primeiro bispo da diocese e ainda hoje funciona como residência do Bispo e padres diocesanos. É um prédio representativo da época em que Bragança se mostrava mais desenvolvida em relação às outras cidades do interior, quando as sedes do Bispado no Brasil eram instaladas nas capitais e pouquíssimas no interior.

Antiga casa da cultura

A antiga Casa da Cultura é uma construção de estilo eclético, datada do século XIX. Sediava a Associação Cultural e Recreativa dos Estudantes de Bragança e a Fundação Cultural de Bragança. Até 2007, abrigou a Secretaria Municipal de Cultura e Desportos, uma biblioteca pública e salão de convenções. Sofreu várias intervenções em sua estrutura interna e externa, para adaptação aos diversos fins para que já serviu. Porém, apesar de ser tombada ao Patrimônio Histórico Municipal, hoje praticamente apenas uma parte da fachada encontra-se erguida e em estado de deterioração, repleta de mato em seu interior.

Antiga residência oficial dos prefeitos (casa das 13 janelas)

A Casa das 13 Janelas é um exemplar da arquitetura da primeira metade do século XX, com requinte e fino estilo neoclássico, fachada em azul com portas e janelas em branco. Referência à memória das famílias tradicionais que contribuíram para o desenvolvimento de Bragança e servia de moradia para os prefeitos da cidade. É

tombada ao Patrimônio Histórico Municipal pelo decreto 010/008 de 15 de janeiro de 2008 (Art. 1º, Item III).

Coreto pavilhão Senador Antônio Lemos

Situado na atual praça Antônio Pereira, o coreto foi trazido da Europa encaixotado em partes, no início do século XX, e inaugurado em 1910. Feito de ferro e concreto, veio com a função representativa do tempo áureo do ciclo da borracha, é único exemplar do gênero em Bragança, com características que remontam a esse período de riqueza, da urbanização e modernização das cidades na Amazônia. Tombado ao Patrimônio Histórico Municipal pelo decreto 010/2008 de 15 de janeiro de 2008 (Art. 1º, Item IV).

Igreja Nossa Senhora do Rosário (matriz)

Nossa Senhora do Rosário é a padroeira de Bragança. Ganhou este templo na segunda metade do século XIX, o prédio possui fachada em branco, verde e amarelo, portas e janelas em arco, do estilo neoclássico, especialmente pela sua estrutura externa mantida em mesmo estado desde sua construção. Pertencente à Diocese de Bragança do Pará, foi tombada ao Patrimônio Histórico Municipal pelo decreto 010/2008 de 15 de janeiro de 2000 (Art. 1º, Item I).

Palacete Augusto Côrrea

O palacete foi sede da Prefeitura da cidade até 2009. Construído no final do século XIX e início do século XX, porém foi reconstruído e inaugurado em 1970. Seu estilo é neoclássico, com fachada em rosa e branco e é uma cópia fiel do Palácio de Bragança em Portugal. Atualmente encontra-se em estado avançado de deterioração e interditado devido ao risco de desabamento.

Instituto Santa Teresinha

O Instituto Santa Teresinha foi fundado pelo padre D. Eliseu Maria Coroli, em 1938, tornando-se a terceira Escola Normal do Estado do Pará. Tem a fachada em rosa, branco e verde, portas e janelas em arco. Ocorreu uma ampliação de sua estrutura original, inaugurada em 1974, que além do ensino básico, oferecia os cursos de Magistério, Técnico em Contabilidade e Técnico em Saúde. Atualmente, é uma escola de educação infantil, fundamental e médio e também moradia das freiras.

A arquitetura como patrimônio histórico/cultural

O conceito de patrimônio não existe isolado, apenas em relação à alguma coisa. Originário do latim *patrimonium*, cujo significado é de herança familiar ou do termo grego *pater* (pai ou paterno), o "patriarca", que no Império Romano, como em toda Antiguidade, detinha os direitos sobre qualquer pertence (Dicionário Etimológico, 2008). Desta forma, patrimônio associa-se com tudo aquilo que é deixado pela figura do pai e transmitido para seus filhos.

Após algumas alterações do conceito de patrimônio, ocasionadas pela Revolução Francesa no século XIX, as percepções sobre a relação entre cultura e passado foram ganhando outras interpretações. No século XX, havia a forte concepção de que o patrimônio era algo que reforçava o passado, a história e uma série de valores comuns. Nesse contexto, ocorreu a mudança para o conceito que conhecemos hoje, que classifica o patrimônio em duas categorias: o tradicional patrimônio material, que inclui as construções, obeliscos, esculturas, artesanato, documentos e outros itens das belas-artes, logo tudo que é tangível; e surgiu o chamado patrimônio imaterial, que envolve regiões, paisagens, comidas e bebidas típicas, danças, manifestações religiosas e festividades tradicionais.

'Viajar no tempo é ultrapassar o limite da própria história, admirar sua grandiosidade e identificar seus períodos e transformações' (PIMENTEL, 2013, p. 03). A capacidade de observar e compreender sobre a história de nosso próprio povo e também de outras culturas, de modo geral, é de fundamental importância para nossa formação como cidadãos e nos leva a um caminho de oportunidades para nos reconhecer e reconhecer aos outros.

O percurso singular de um olhar humano sobre o contexto de uma sociedade pode compor uma nova parte do intenso processo de observação de sua história, de tal forma, um recorte e uma nova contribuição para ampliação do cenário e da plasticidade que a humanidade através do tempo deixa de herança enquanto patrimônio (PIMENTEL, 2013, p. 04).

A cidade de Bragança abriga um conjunto de casarões que remetem aos vários momentos do processo de produção do seu espaço, como a época da colonização da Amazônia, o ciclo da borracha, juntamente com a implantação da estrada de ferro que ligava Bragança à Belém, e denotou mais ainda seu fluxo econômico e gerou uma interferência significativa no cenário urbano. Especialmente no período da economia da borracha, quando se vivia uma fase em que, além do crescimento econômico, buscava-

se o embelezamento do espaço urbano, o que foi possível graças ao capital gerado pela borracha.

Construídos, principalmente, pelos espanhóis que imigraram para a cidade nos séculos XVIII e XIX, cada prédio encontrado ali nos conta um pouco de sua magnífica história, cada um com sua função: de abrigar devotos, como a Igreja de São Benedito e a Igreja Nossa Senhora do Rosário; as autoridades da época, como a Residência Oficial dos Prefeitos e o Palacete Augusto Corrêa, o forte comércio no Mercado Municipal; estudantes, no Instituto Santa Teresinha e na Escola Estadual Monsenhor Mâncio Ribeiro; residências de famílias com seus azulejos portugueses; etc.

‘O processo de produção do espaço bragantino ocorreu de forma diferenciada, do ponto de vista político, econômico, social e cultural (...), com a presença de fortificações militares e ordens religiosas’ (LOBATO, 2014, p. 77). Bragança é uma das cidades históricas que detém resquícios da arquitetura religiosa, civil e militar, do período de colonização da Amazônia, como o Palacete Augusto Corrêa e o Mercado Municipal.

De acordo com o dicionário do Iphan, o termo “preservação” foi associado à “gestão prática” do patrimônio por meio da implementação de instrumentos de identificação, proteção e gestão (SANT’ANNA, 2015, p. 02). Logo, o termo “preservação” se explica como um conjunto de ações que constituem um processo que se dá início ao atribuir valor a determinados objetos, paisagens, saberes, práticas, etc., que se completa com ações concretas para mantê-los ou dar-lhes continuidade.

Apesar de ser uma das cidades mais antigas da Amazônia a possuir construções do século XVIII, não necessariamente essas edificações se encontram completamente conservadas ou preservadas para a própria população³. Na primeira década do século XXI, foram criados dois decretos de tombamento, em 2006 e 2008, a fim de tentar preservar alguns prédios de valor histórico e cultural que estavam ameaçados. Apesar de possuir vários bens que poderiam ter sido tombados, os critérios de seleção permitiram apenas 13 edificações, 12 imóveis e um coreto.

³ Ainda em 1995, o poder público municipal chegou a instituir a Lei 3.120/95 que dispunha sobre preservação e proteção do patrimônio histórico, artístico e ambiental de Bragança. Além, do Plano Diretor Participativo de Bragança (Lei n.º 3.875 de 10 de outubro de 2006), que também fazia menção às medidas de preservação do patrimônio. Porém, nenhum desses instrumentos tem sido aplicado na prática.

Os trajes masculinos inseridos à moda feminina

Por ter um conjunto de edificações como inspiração, a coleção foi pensada a partir da impressão de grandeza e importância histórica que os casarões nos trazem, tendo como princípio a ideia que surgiu quando as mulheres começaram a usar roupas masculinas afim de mostrar poder, imponência e grandeza, demonstrando assim que elas poderiam ser tão poderosas e importantes como era vista a figura do homem naquela época.

Durante um longo período histórico, a moda feminina foi rígida e incômoda, cheia de excessos que faziam a mulher se sentir presa no próprio corpo. Paul Poiret, precursor dos estilistas como conhecemos hoje, criou a silhueta do século XX, que permitia mais mobilidade, eliminou os espartilhos e o excesso de roupas íntimas. Já na década de 20, a entrada de Gabrielle Chanel no cenário da moda, mudou mais ainda a concepção de liberdade feminina no vestuário. Chanel popularizou o famoso *tailleur*, foi pioneira ao emprestar do guarda-roupa masculino peças que rapidamente se tornaram favoritos das consumidoras de moda.

Posteriormente, com a 2ª Guerra Mundial, foi necessário o racionamento de tecidos, com isso veio o apelo masculino ainda maior nas roupas femininas, pela grande influência militar e caráter utilitário. Os ombros eram quadrados, a silhueta reta e o corte masculino reproduzia as formas das fardas, nesse momento a moda foi militarizada. Logo as ombreiras foram adaptadas para o uso diário, por isso Perez & Curcino (2014, p.24) destacam:

Ligadas ao universo masculino (virilidade) e militar, as ombreiras passaram a ser uma afirmação de poder e, assim que possível, foram requisitadas pelas mulheres para que pudessem demarcar seu lugar social, principalmente no mercado de trabalho.

As décadas de 60 e 70 são momentos importantes para a moda, pois as roupas acompanhavam os movimentos culturais e de liberação sexual. Foi em 1960 que a moda masculina se incorporou de vez no guarda-roupa feminino. Essa tendência, inclusive foi retratada em filmes como em *Annie Hall*, de 1977, em que a personagem vivia um alter-ego que andava pelas ruas de Nova York com calças cáqui de cóis alto, coletes, paletós, chapéus fedora e gravatas.

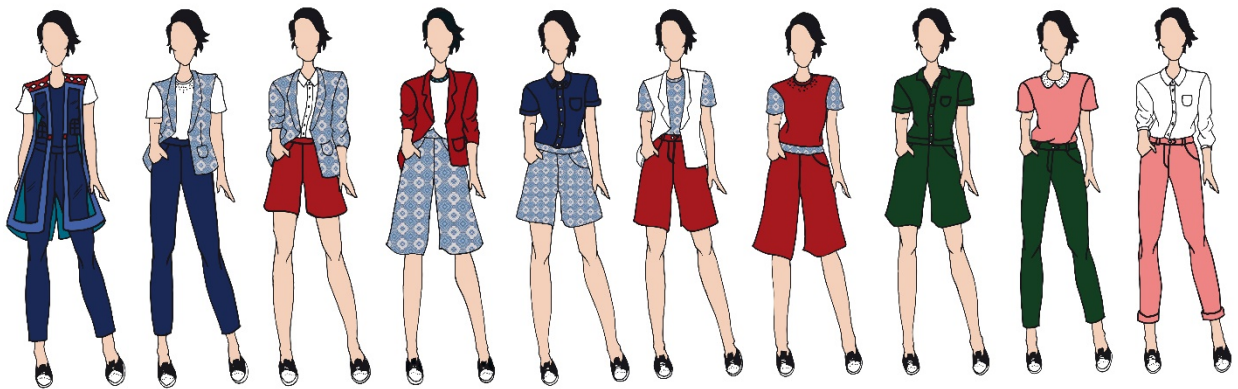
(os ombros) Levemente marcados pela moda durante a guerra, lembrado pelo smoking, vestimenta emprestada do guarda-roupa masculino, de Yves Saint Laurent nos anos 60, aparece de forma expressiva na década de 80, proporcionando uma modificação

visualmente perceptível na silhueta feminina (PEREZ & CURCINO, 2014, pg. 22).

Lipovetsky (1989, p. 130) afirma que a divisão acentuada no parecer entre os sexos se dissolveu quando a igualdade das condições prosseguiu sua obra, o monopólio feminino na moda teve fim e o masculino foi inserido parcialmente no vestuário feminino. Porém, é importante ressaltar que a modelagem das peças, oriundas do masculino, são adaptadas às especificidades do corpo feminino, 'reinterpretados em função da mulher e de sua diferença' (LIPOVETSKY, 1989, p. 131).

A coleção "Pérolas do Passado"

Figura 03: Prancha de croquis



(Fonte: Acervo da autora, 2017)

Após a pesquisa, foi criada uma coleção de moda casual feminina, inspirada na arquitetura de Bragança-Pa, composta por 10 looks, sendo 1 conceitual e 9 comerciais. Foi desenvolvida uma pesquisa detalhada sobre os fatos históricos que levaram à construção desses prédios, passando pelas suas características individuais e sua influência para a história do povo bragantino. Tentou-se evidenciar a beleza dos casarões antigos, reconhecer sua imponência ao traçar diversos paralelos com a moda, descrever e interpretar seus elementos visuais que foram inseridos de forma sutil e harmônica nas peças da coleção.

Pela simplicidade dos monumentos, foi desenvolvida uma modelagem mais reta e clássica, com peças que remetem ao guarda-roupa masculino, porém sem a perda da feminilidade, através do uso das cores presentes no objeto de inspiração e as pérolas

que fazem menção ao nome popular da cidade de Bragança, “Pérola do Caeté”. E, com isso, levantar a questão da liberdade feminina em relação à moda, sugerir que a mulher pode ter atitude e ousadia suficientes para usar o que quiser, inclusive uma moda que tradicionalmente é reconhecida como masculina.

Figura 04: Parte da coleção confeccionada



(Fonte: Acervo da autora, 2017)

Considerações finais

Diante do exposto, percebemos que na Amazônia, onde temos uma cultura rica e diversificada, Bragança entra como peça essencial na constituição da sociedade paraense, uma vez que a cidade é uma das mais antigas da Amazônia e foi fundada até mesmo antes da capital, e possui um passado notável, quando passou por diversas transformações urbanas graças à influência portuguesa, ao período da borracha e a implementação da estrada de ferro.

Esses vários períodos contribuíram para a formação de um povo que conseguiu imprimir àqueles espaços as marcas que retratam uma parte do que foi a ascensão social, cultural e econômica vivenciada na cidade. O centro histórico de Bragança expressa em sua paisagem rugosidades espaciais que constituem a diversidade patrimonial urbana. O patrimônio de Bragança, tanto material como imaterial, é representativo e característica única que consegue diferenciá-la de outras cidades, e é um destaque significativo por ser tão rico em história e chama atenção de visitantes e pesquisadores. Percebemos que há um interesse de preservação do patrimônio edificado, apesar de ainda não existir uma política de preservação, existem os

instrumentos que podem fornecer a base para isso, que são as leis e tombamentos criados afim de proteger tais monumentos. Desde a criação destes, há registro de algumas reformas, ainda que para efeito de maquiagem.

Foi um avanço considerável, pois até meados de 2000 não existia nenhuma medida em relação à preservação do patrimônio (LOBATO, 2014, p. 116). Entretanto, ainda são necessárias ações concretas, como fiscalização, planejamento e gestão, para que as leis sejam executadas na prática, pois como foi observado durante a pesquisa, apesar dos tombamentos, muitos dos prédios encontram-se em péssimas condições, correndo risco de desabamento e um que já desabou quase completamente.

Referências

Dicionário Etimológico: Etimologia e origem das palavras. 7Graus. Portugal, 2008. In: <<http://www.dicionarioetimologico.com.br/patrimonio/>> Acesso em 14 de abril de 2017.

Estado do Pará, Prefeitura Municipal de Bragança. Arquivo Público de Bragança - **Decretos de Tombamento**, 2006/2008.

LIPOVETSKY, Gilles, 1944 – **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas.** Tradução: Maria Lúcia Machado. – São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LOBATO, Alessandra. **Turismo, patrimônio cultural e produção do espaço: uma análise do centro histórico da cidade de Bragança-PA.** Dissertação de mestrado, Programa de pós-graduação em Geografia – UFPA, Belém, 2014. In: <http://ppgeoufpa.net/images/dissertacoes/ano_2012/alessandra-da-silva-lobato/dissertacao-alessandra-lobato.pdf> Acesso em 29 de abril de 2016.

PAOLI, Maria Célia. **Memória, história e cidadania: o direito ao passado.** In. O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: DPH, 1992, p. 25-28.

PEREZ, Leonardo; CURCINO, Luzmara. **Construindo ombros fortes: a roupa ressignificando o corpo feminino.** In: RUA [online]. 2014, no. 20. Volume 1 - ISSN 1413-2109. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. In: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8637535>> Acesso em 28 de março de 2017.

PIMENTEL, Maria Irene. **Bragança – 400 anos: patrimônio e memória.** Banco da Amazônia. 2013 (Série “Patrimônio e Memória” – Municípios do Pará).

REIS, João Jorge dos. **Bragança: 379 anos. Jornal “O Imparcial”.** Bragança, 1ª quinzena de julho de 1992.

SANT’ANNA, Márcia. **Preservação como prática: sujeitos, objetos, concepções e instrumentos.** In: REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural. 1. ed. Rio de Janeiro; Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. In: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Preserva%C3%A7%C3%A3o%20pdf\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Preserva%C3%A7%C3%A3o%20pdf(1).pdf)> Acesso em 28 de março de 2017.

SILVA, Dário Benedito. **Caracterização Histórica do Município de Bragança,** 2011. In: <<http://profdariobenedito.blogspot.com.br/2011/02/uma-caracterizacao-historica-de.html>> Acesso em 02 de abril de 2017.

_____. **Entrevista sobre patrimônio histórico.** Programa Realidade 106, rádio Educadora FM, 2009. In: <<http://profdariobenedito.blogspot.com.br/2010/01/entrevista-sobre-patrimonio-historico.html>> Acesso em 17 de abril de 2017.

SIQUEIRA, José Leôncio. **Trilhos: o caminho dos sonhos (Memorial da estrada de ferro de Bragança).** Bragança, 2008.

SOUSA, Rainer Gonçalves. **"Patrimônio Histórico Cultural";** Brasil Escola. In: <<http://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/patrimonio-historico-cultural.htm>> Acesso em 28 de março de 2017.

TIANICE. **O que é patrimônio cultural? Patrimônio Histórico? Patrimônio ambiental ou natural?** Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural, CCSH – UFSM, 2012. In: <<http://coral.ufsm.br/ppgppc/index.php/duvidas-e-dicas/78-patrimonio-historico-cultural-e-ambiental-natural>> Acesso em 28 de março de 2017.